

## **GÊNERO E DIVERSIDADE: QUAL O LUGAR DESSES TEMAS NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES?**

Marcos Paulo de Oliveira Sobral; Lucyana Sobral de Souza; Alexandre de Souza Barbosa

*(Universidade Federal de Alagoas, [socransobral@gmail.com](mailto:socransobral@gmail.com); Universidade Federal do Rio Grande do Norte, [lsobral Souza@bol.com.br](mailto:lsobral Souza@bol.com.br); Prefeitura Municipal de Queimadas, [asouzabarbosa@bol.com.br](mailto:asouzabarbosa@bol.com.br))*

**Resumo:** O estudo apresenta-se relevante, pois, desde o século XX tem se travado lutas teóricas e práticas para garantir no bojo das relações escolares, questões relativas à temática de gênero e diversidade. Em se tratando da formação inicial de professores a discussão que levantamos, torna-se imprescindível para se promover uma radical alteridade nos saberes, dizeres e fazeres dos sujeitos que produzem experiências educativas na e com a escola. O desejo latente da população, historicamente oprimida na busca por mais educação, resultado do processo de redemocratização do país no final dos anos 80 do século passado, surge com a necessidade de se oportunizar condições de igualdade social, pela garantia de melhores condições de vida, com dignidade e direitos humanos garantidos, aos grupos excluídos, pela ideologia dominante. A discussão que levantamos sobre o lugar que o gênero e a diversidade ocupam no currículo da formação de professores, decorre da tentativa de visibilidade e garantia aos segmentos sociais marcados pelas questões de gênero, sexualidade, étnicas e demais marcadores sociais, espaço, representatividade e respeito em diversas instâncias e instituições sociais, a exemplo da escola.

**Palavras-chave:** Formação de Professores; Currículo; Gênero; Diversidade.

### **1. INTRODUÇÃO**

A história da educação brasileira nos revela necessidade constante de tensionarmos o currículo escolar, tendo em vista as complexas relações que se configuraram no percurso de desenvolvimento social, econômico e político do país. Tais relações demarcaram os sujeitos, as identidades, os espaços, os papéis e as relações na sociedade. Essas relações representam um constructo de poder, de alguns poucos que mandam e de uma grande massa que obedece. Assim, as relações foram se edificando nas diversas instâncias sociais, com base nos moldes do patriarcado, de maneira hierarquizada, opressora, desigual e injusta.

Nesse cenário, a matriz organizadora das relações sociais, sejam estas em casa, na família, no trabalho, na igreja, ou no clube, tomou como princípio a classificação e diferenciação entre os seres humanos a partir de seu gênero. A realidade social brasileira, tem como perspectiva as práticas herdadas no processo de colonização que impôs a lógica da subordinação, do aniquilamento, da opressão feminina, das variações culturais, religiosas, culturais e comportamentais que fugiam e fogem dos marcadores: heteronormativo, branco, masculino, católico e dominador.

Não bastasse essas práticas dominarem o contexto das relações de opressão no espaço privado ou público entre os adultos, também a educação e a escola se viram contaminadas

pela reprodução dos saberes, dizeres e fazeres dos opressores, numa lógica de dominação desde a idade mais tenra dos corpos e das mentes daqueles que podiam fugir da regra imposta, mas que logo voltaria à forma pela chibata, pela vergonha moral, pelos castigos físicos de outrora, e que nos dias atuais encontram respaldo também na violência simbólica, psicológica, nas armadilhas e entranhas do discurso legitimado pelos currículos, pelas práticas pedagógicas e pelos papéis que são designados aos sujeitos, às meninas e meninos que frequentam as escolas brasileiras.

Por ser a escola, a instituição social que agrega diariamente o conjunto da diversidade brasileira, torna-se imperativo que os profissionais da educação estejam permanentemente preparados para tratar das questões envolvendo as relações de gênero e da diversidade a fim de reeducar, reduzir danos, fazer pensar e orientar a juventude para o convívio saudável e reflexivo para tratar com a diferença, a alteridade, a diversidade, de forma a fomentar experiências emancipadoras, de redefinição de posturas, de valorização do eu do outro que pode ter muito ou nada de si, do reconhecimento das multifacetadas linguagens, das performances híbridas, das variantes culturas, das etnias, das sexualidades e dos gêneros, corroborando assim para que as marcações das diferenças que foram edificadas culturalmente, paulatinamente sejam desnaturalizadas, combatidas e questionadas. Mas, como fazer isso na escola se não prepararmos os futuros educadores para tais práticas pedagógicas?

É nesse cenário que a escola, acaba por vezes, inconscientemente, reproduzindo a cultura dominante. E por sua natureza social, por ser uma das instituições sociais mais plurais e representativas da nossa sociedade, pela capacidade de aglutinar em sua arquitetura os mais diversos e representativos segmentos da sociedade brasileira, seja nas salas de aula, nos corredores, na cantina, na biblioteca, na quadra de esporte, na portaria da escola, ou seja, a representatividade da diversidade, da multiplicidade de relações de gênero, está presente na escola em todos os espaços e na diversidade social. Temos na escola, mesmo que por vezes invisibilizados, os negros, brancos, índios, pardos, católicos, espíritas, evangélicos, umbandistas, heterossexuais, homossexuais, assexuados e demais representações identitárias e de alteridades. Sendo assim, não pode a instituição escolar tratar apenas de uma identidade singularizada, homogênea, eurocêntrica, branca, heteronormativa, de um único sujeito mandante, dominador, chefe, líder, macho e digno de usufruir da vida pública e do que chamamos de cidadania. (SOBRAL; SOUZA, 2017)

E como fazer para que reverbere na escola as discussões sobre o gênero e a diversidade? As discussões sobre o sentido e as finalidades do currículo na contemporaneidade são latentes e muito necessárias na contemporaneidade. As transformações radicais que tem ocorrido na

sociedade, as incorporações de novos modos de produção, as mudanças no padrão comportamental das crianças, jovens e adolescentes mediadas pelo uso das novas tecnologias da informação e comunicação, proporcionadas pelo acesso à internet, e as variações culturais presentes no mundo, desde o ataque terrorista ocorrido em setembro de 2011, e as consequências advindas desse episódio nos últimos dezessete anos, trouxeram questionamentos para as instâncias econômicas, religiosas, militares, culturais, educacionais e políticas, como também para o desenrolar da vida das pessoas, para o surgimento de novos preceitos e preconceitos, de novos sujeitos, de novos temores, de novas perturbações, de novas armadilhas para as relações de poder, de subjugação de opressão e consolidação de novas fobias.

Assim, pensar a escola e a educação num cenário de intensas pressões e exigências marcadas pela globalização, pelo neoliberalismo, pelo uso intensivo das tecnologias da informação e comunicação, requer importantes e radicais mudanças de sentido e orientação do currículo escolar, pois a concepção de democracia aponta e requer alteridades na forma como a escola vinha se organizando quanto às concepções de educação, de educando, sujeito social, cultura, conhecimento e de aprendizagem.

Tendo clareza desse contexto, a escola vem sendo conclamada a redimensionar suas práticas, a apresentar novas possibilidades, a fazer o princípio da diversidade e efetivar uma ação transformadora que reverbera em cada sujeito que da escola faz parte e, consequentemente, na sociedade pelo protagonismo dos sujeitos onde estes atuam.

## **2. METODOLOGIA**

Com o intento de atender ao objetivo de nosso estudo para que pudéssemos analisar sobre o lugar que o gênero e a diversidade ocupam nas propostas pedagógicas dos cursos voltados para a formação de professores, priorizamos a metodologia de pesquisa bibliográfica e a pesquisa documental por meio do acesso a documentos oficiais de arquivo público disponibilizado na rede mundial de computadores (internet). Segundo Marconi e Lakatos (2010), no acesso aos documentos escritos o pesquisador deve ter o cuidado de não apenas selecionar o que lhe interessa, mas também realizar as devidas interpretações e comparações para que o material de coleta se torne utilizável.

Para Bardin (2009), a análise documental é “uma operação ou um conjunto de operações visando representar o conteúdo de um documento sob a forma diferente do original, a fim de facilitar num estado ulterior, a sua consulta e referência”. O resultado da pesquisa

em tela tomou como recorte a análise do desenho curricular de quatro cursos de formação de professores da Universidade Federal de Alagoas, a saber: Pedagogia (Campus do Sertão), Ciências Biológicas (Campus Arapiraca – Unidade Educacional Penedo), Curso de Educação Física (Campus Arapiraca) e Curso de Pedagogia (Campus A.C. Simões – Maceió) de forma a buscar identificar as disciplinas elencadas e do que tratavam os ementários.

Para melhor entendimento do leitor, o trabalho metodológico foi realizado da seguinte forma:

a) Acessamos o Projeto Político Pedagógico dos Cursos Pedagogia (Campus do Sertão), Ciências Biológicas (Campus Arapiraca – Unidade Educacional Penedo), Curso de Educação Física (Campus Arapiraca), e Curso de Pedagogia (Campus A.C. Simões – Maceió), todos disponíveis na rede mundial de computadores, internet, em formato Portable Document Format- PDF.

b) De posse dos arquivos dos projetos pedagógicos dos cursos, procedemos à busca das palavras: gênero e diversidade. Para garantir maior rigor na busca das palavras nos utilizamos do recurso de busca de palavras, ao acionar as teclas de atalho ctrl + f (ou control find), ou seja, um atalho extremamente útil para encontrar uma palavra ou frase em uma página ou documento.

c) Após o levantamento da recorrência das palavras gênero e diversidade realizamos a contagem e em qual contexto as palavras surgem e qual sentido de aplicabilidade.

d) Por fim, construímos um quadro onde buscamos identificar a visibilidade dos termos gênero e diversidade nos projetos pedagógicos dos cursos pesquisados.

### **3. RESULTADOS/DISCUSSÕES**

No transcorrer dos dados que serão explorados na sequência desse artigo, observaremos um currículo enxuto, focado na formação técnica com algumas disciplinas genéricas que não deixam explícitas o compromisso discursivo axiológico com temáticas ligadas às questões sociais, excetuando-se algumas atividades de extensão que poucos alunos tinham oportunidade de participar.

#### **3.1 AS MUDANÇAS SOCIOPOLÍTICAS E OS REBATIMENTOS PARA À FORMAÇÃO DE PROFESSORES**

Sabedores que somos da relação imbricada que a educação estabelece com a economia política, com a sociedade e suas variadas formas de representação cultural e que assim fica

evidente que no seio do bojo escolar, ocorrem rebatimentos, sendo a instituição escolar afetada ao mesmo tempo em que afeta a vida das pessoas. Num processo dicotômico e polarizado entre os interesses do capital financeiro e das elites e os anseios das camadas populares da sociedade, dos grupos sociais denominados de minorias (mulheres, negros, índios, favelados, praticantes de religião de matriz afrodescendente e toda a comunidade LGBTI+), mas no cerne da questão representam à maioria da população brasileira, que são os pobres, os que foram alijados historicamente de acessar os serviços básicos que caracterizam à condição humana como uma possibilidade de cidadania e de ascensão social. Assim, está a escola no centro dessa disputa e da necessidade de atendimento dos diversos segmentos societários. (SACRISTÁN, 2008).

As questões de gênero e diversidade na educação não são temas recentes, pois no percurso dos anos 60 e 70 do século passado, já se debatia acerca das teorias e contribuições marxistas para o campo educacional, em especial as premissas que tinham como base o pensamento de Paulo Freire, o que aquela época representava a vanguarda do pensamento pedagógico brasileiro. Na contramão dessa perspectiva se encontravam os tecnicistas e os comportamentalistas, que não apostavam na perspectiva libertadora da educação, afinal de contas essas correntes eram chanceladas pelos governos autoritários.

Resultado do processo histórico de redemocratização do país, grande parte dos educadores brasileiros se sentiram desafiados. E é nesse cenário antagônico e de disputas que eclode o conceito de gênero, fortalecido pelo contexto de discursos no sentido de se estabelecer uma pedagogia de caráter progressista, era preciso observar que a pedagogia crítica buscava dotar os professores para uma atuação comprometida com a transformação da realidade instaurada, longe de uma visão pedagógica romanceada, alienada e ingênua.

Com o advento da pedagogia crítica, baseados nas formulações da sociologia e da política, edifica-se um novo momento: o olhar direcionado para o campo social voltado para o entendimento das demandas que a sociedade passava a apresentar.

Não se tratava apenas de agregar um sujeito social tradicionalmente secundarizado ou negado: o conceito pretendia ir muito além da incorporação das mulheres às análises e à teoria. Gênero apontava para relações – de poder – que se davam entre homens e mulheres enquanto sujeitos de sociedades e de tempos históricos determinados. Não se tratava, também, de substituir a centralidade de uma categoria (a classe) como explicativa da dinâmica e dos conflitos sociais por outra categoria (o gênero).

Assim, a categoria de análise Gênero, apresenta-se potente e multifacetada, por permitir clivagens e propor espaços para questões presentes no espaço escolar. Questões que durante

muitos anos foram invisibilizadas, negadas, admitidas como que naturais, pondo em questionamento a lógica binária do feminino e do masculino. Como um termo neófito, durante alguns anos a terminologia gênero foi aplicada apenas para o entendimento das questões inerentes as meninas e mulheres, subestimando assim, suas potencialidades de análise e síntese mais severas e radicais.

É no percurso histórico que vai se delineando novos contornos e novos corpos, aproximando-se das teorias foucaultianas, visto que propunha a desconstrução das ideias de caráter binário e simplista para o entendimento e a explicação do que seja masculino e feminino. Tal empreitada foi acima de tudo um percurso de discursos e práticas de atravessamentos.

Encontramos de forma opressora na escola, na universidade e demais instituições educativas, currículos e práticas que promovem a linguagem sexista, a propagação da ideologia patriarcal e da lógica androcêntrica do conhecimento, de forma que a mulher tem sido invisibilizada, negada, oprimida nas narrativas da história, das ciências e da literatura e das formas como os papéis sociais veem sendo definidos. Com a expansão dos estudos de gênero os corpos e suas performances passam a assumir outros papéis. Nesse escopo, a profissão docente e o conseqüente processo de feminização do magistério, suas formas de enfrentamento e combate as pressões ganham um prisma diferencial quando passam a configurar uma nova proposta pedagógica. Proposta essa, com base nas teorias pós-estruturalista, ganhando amparo na formulação crítica de um projeto emancipador, capaz de promover o debate sobre as práticas tradicionais que promovem a propagação das desigualdades de gênero no espaço escolar.

A formulação de uma pedagogia pós-crítica é a oportunidade de se escrever uma nova história, novos discursos, novos textos, novas práticas e estratégias que sejam capazes de transformar as práticas arraigadas à teoria do patriarcado, fomentando um projeto emancipador, aos novos saberes, novos dizeres e fazeres pedagógicos.

Diante desse cenário e ao tomar consciência de que a escola reproduz as relações de poder pelos sujeitos nas diversas esferas sociais, e estas estão presentes no currículo escolar, nos livros didáticos, nos papéis designados para meninas e meninos, nos procedimentos avaliativos, na designação de lugares, para as e os estudantes, vejamos como se apresenta o desenho curricular de quatro cursos de formação de professores da Universidade Federal de Alagoas, observando qual a visibilidade dos termos gênero e diversidades nos projetos pedagógicos dos cursos pesquisados em prol da construção de um debate no campo social, onde relações (desiguais) entre os sujeitos são construídas e reproduzidas.

**Quadro 1- Análise do PPP do Curso de Licenciatura em Pedagogia Campus do Sertão**

Descritor	Número de vezes que aparece no documento	Como aparece...
<b>Gênero</b>	<b>20 vezes</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Étnico-racial, de gêneros (p.33) perfil do egresso</li> <li>- Educação e Gênero (p. 51, 65) nome disciplina</li> <li>- Gêneros textuais (p. 53) descrição de ementário</li> <li>- Três gêneros (p. 56) referência de livro</li> <li>- Produção de gêneros textuais (p. 59) referência de livro</li> <li>- Gênero e cultura (p.60) descrição de ementário</li> <li>- Gênero e Movimentos Sociais (p. 84) referência de livro</li> <li>- Gênero e trabalho docente (p. 65) referência de livro</li> <li>- Gênero da docência (p. 65) referência de livro</li> <li>- Gêneros textuais (p. 66) referência de livro</li> <li>- Étnico-raciais e de gênero (p.29) descrição de perfil profissional</li> <li>- De gêneros (p.33) referência de livro</li> </ul>
<b>Diversidades</b>	<b>11 vezes</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- diversidade (p. 31 – citação)</li> <li>-diversidade cultural (p. 35 – premissa conteúdos/matriz curricular)</li> <li>- diversidade cultural da sociedade brasileira (p. 35)</li> <li>-diversidade cultural da sociedade brasileira (p.50)</li> <li>- considerando a diversidade lingüística (p. 59)</li> <li>- Educação e Diversidade Étnico-Racial (p. 66) nome de disciplina.</li> <li>- QUEIROZ, Renato da Silva (orgs.). <b>Raça e diversidade</b>. São Paulo: Estação Ciência: Edusp, 1996. indicação bibliográfica.</li> <li>- a diversidade sociocultural e regional do país (p. 24) fragmento de texto.</li> </ul>

Fonte: Elaborado pelos autores com base no PPP do Curso de Licenciatura em Pedagogia – Campus do Sertão

**Quadro 2- Análise do PPP do Curso de Lic. Ciências Biológicas – Campus de Arapiraca Unidade Educacional Penedo**

Descritor	Número de vezes que aparece no documento	Como aparece...
<b>Gênero</b>	<b>5 vezes</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Gênero textual (p. 116) Normativa de Estágio.</li> <li>- Estudos de diversos gêneros textuais (p. 55) ementário disciplina de Espanhol</li> <li>- Relações de Gênero (p. 33) ementário da disciplina Profissão Docente.</li> <li>- HYPOLITO, A. L. M. <b>Trabalho docente, classe social e relações de gênero</b>. Campinas, SP: Papyrus, 1997 (p. 33)</li> <li>- Gênero artigo científico (p. 62) Ementário disciplina</li> </ul>
<b>Diversidade</b>	<b>16 vezes</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- contexto histórico-cultural da diversidade (p.12)</li> <li>- temáticas da diversidade cultural (p.12)</li> <li>- o respeito à diversidade de opiniões (p. 21)</li> <li>- Diversidade Filogenética. (p. 63)</li> </ul>

Fonte: Elaborado pelos autores com base no PPP do Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas – Campus Arapiraca – Unidade Educacional Penedo

### Quadro 3- Análise do PPP do Curso de Lic. Educação Física – Campus de Arapiraca

Descritor	Número de vezes que aparece no documento	Como aparece...
<b>Gênero</b>	<b>6 vezes</b>	- Trabalho docente e relações de gênero. Ementário da disciplina Profissão Docente. - HYPOLITO, A. L. M. <b>Trabalho docente, classe social e relações de gênero</b> . Campinas, SP: Papyrus, 1997. Referência da disciplina Profissão Docente. - SOUZA, Juliana Sturmer Soares; KNIJNIK, Jorge Dorfman. A mulher invisível: gênero e esporte em um dos maiores jornais diários do Brasil. <b>Revista Brasileira de Educação Física e Esporte</b> . São Paulo, v. 21, n. 1, p. 35-48, jan./mar. 2007. Referência que aparece três vezes nas indicações de referências bibliográficas.
<b>Diversidade</b>	<b>2 vezes</b>	- para atender à diversidade de campos de intervenção acadêmico-profissional (p.6) - III – o respeito à identidade e à diversidade de instituições e de cursos (p.112)

Fonte: Elaborado pelos autores com base no PPP do Curso de Licenciatura em Educação Física – Campus de Arapiraca

### Quadro 4 - Análise do PPP do Curso de Lic. Pedagogia – Campus do A.C. Simões – Maceió

Descritor	Número de vezes que aparece no documento	Como aparece...
<b>Gênero</b>	<b>19 vezes</b>	.- étnico-raciais e de gênero (p.29) - étnico-racial, de gêneros (perfil profissiográficos) - Educação e Gênero (p.50) - Gêneros textuais e da leitura (p. 53) descrição da ementa - SOARES, Magda. <b>Letramento</b> : um tema em três gêneros. São Paulo: Autêntica, 1998 indicação de referência (p.56) - Gêneros textuais literários descrição de ementário (p.59) - faixas etárias, gênero e cultura (p.60) descrição de ementário - FLEURI, R. M. <b>Intercultura, educação e movimentos sociais no Brasil</b> . Santa Catarina: II Seminário Internacional de Educação Intercultural, Gênero e Movimentos Sociais, 2003. (mimeog.) (p. 64) indicação de referência - Educação e Gênero (p.65) indicação disciplina - Estudo das relações entre gênero (p.65) descrição de ementário - HIRATA, Helena. Globalização e divisão sexual do trabalho. In: <b>Cadernos PAGU/Núcleo de Estudos de Gênero</b> . São Paulo, UNICAMP: 2002. Pp139-156. (p. 65) indicação de referência SOUZA, Érica Renata. No coração da sala de aula: gênero e trabalho docente nas séries iniciais. In: <b>Cadernos PAGU/Núcleo de Estudos de Gênero</b> . São Paulo, UNICAMP: 2002, p. 379-387. (p. 65) indicação de referência VIANA, Cláudia Pereira. O sexo e o gênero da docência. In: <b>Cadernos PAGU/Núcleo de Estudos de Gênero</b> . São Paulo, UNICAMP: 2002, p. 81-103. (p. 65) indicação de referência
<b>Diversidade</b>	<b>9 vezes</b>	-a diversidade sociocultural e regional do país (p. 26) na descrição do curso de Pedagogia na UFAL -e decidir na diversidade e trabalhar integrando afetividades (p. 27) na descrição do curso de Pedagogia na UFAL -a diversidade da sociedade, assegurando comunicação (p.33 -



		<p>citação)</p> <ul style="list-style-type: none"><li>-consciência da diversidade, respeitando as diferenças (p. 36) sobre o perfil do licenciado</li><li>-sem perder de vista a diversidade e a multiculturalidade (p. 37) sobre os componentes curriculares</li><li>-diversidade cultural aparece duas vezes (p.38) sobre os componentes curriculares</li><li>- _____. As facetas de racismo silenciado. In: SCHWARCZ, Lilia Moritz; QUEIROZ, Renato da Silva (orgs.). Raça e diversidade. São Paulo: Estação Ciência: Edusp, 1996. (p. 77) indicação de referência</li></ul>
--	--	---

Fonte: Elaborado pelos autores com base no PPP do Curso de Licenciatura em Pedagogia – Campus do A.C. Simões – Maceió

### 3.2 QUAL O LUGAR DO GÊNERO E DA DIVERSIDADE NO CURRÍCULO DOS CURSOS DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES?

Diante da identificação dos descritores: gênero e diversidade nos projetos políticos e pedagógicos dos cursos de graduação analisados, foi possível depreender qual o lugar que o gênero e a diversidade vem ocupando no compromisso oficial desses cursos para com a formação integral dos futuros professores. Em todos os cursos observados foram identificados a presença de ambos os descritores: gênero e diversidade, embora em alguns momentos com a denotação diferente com a qual a empregamos e discutimos neste texto, no entanto, em todos os cursos o uso dos termos carecem de maior análise, profundidade e discussão diante da significação que a abordagem sobre gênero e diversidade se apresenta em nossa sociedade, ainda mais em cursos destinados a formação de professores; Os cursos de Pedagogia – Campus do Sertão e Pedagogia Campus do A.C. Simões – Maceió, são os cursos onde se observa a maior recorrência do emprego dos descritores: gênero e diversidade; nota-se a maior quantidade de indicação de referências sobre os temas; Nesses dois cursos percebe-se a inserção da disciplina Educação e Gênero, mas somente no curso de Pedagogia Campus do Sertão é ofertada a disciplina Educação e Diversidade Étnico-racial em comparação com os outros cursos aqui analisados; Nos cursos de Licenciatura em Ciências Biológicas e em Educação Física, percebe-se que a abordagem de gênero foi secundarizada passando a integrar o conteúdo do ementário da disciplina Profissão Docente.

A Resolução nº 2, de 1º de julho de 2015 que define as Diretrizes Curriculares Nacionais para a formação inicial em nível superior (cursos de licenciatura, cursos de formação pedagógica para graduados e cursos de segunda licenciatura) e para a formação continuada prevê que:

§ 2º os cursos de formação deverão **garantir nos currículos** conteúdos específicos da respectiva área de conhecimento ou interdisciplinares, [...], bem como **conteúdos relacionados** aos fundamentos da educação,

**formação na área** de políticas públicas e gestão da educação, seus fundamentos e metodologias, direitos humanos, **diversidades** étnico-racial, de **gênero** [...] (p. 11, grifo nosso)

Define em relação à construção do projeto de formação, que esse deve contemplar:

VI - as questões socioambientais, éticas, estéticas e relativas à **diversidade étnico-racial, de gênero**, sexual, religiosa, de faixa geracional e sociocultural como princípios de equidade. (p. 5, grifo nosso)

E que o egresso (a) dos cursos de formação inicial em nível superior deverá, portanto, estar apto a:

VII - **identificar questões e problemas socioculturais e educacionais, com postura investigativa, integrativa e propositiva em face de realidades complexas**, a fim de contribuir para a superação de exclusões sociais, étnico-raciais, econômicas, culturais, religiosas, políticas, de gênero, sexuais e outras. (p. 8, grifo nosso)

Diante dessas determinações das Diretrizes pode-se perceber que os cursos analisados ainda caminham a passos curtos em relação ao avanço nas discussões e orientações a partir do que contemplam em seus PPP's no tocante às abordagens relacionadas à diversidade e gênero, principalmente, os cursos de Licenciatura em Ciências Biológicas e Licenciatura em Educação Física. Os cursos de Licenciatura precisam reconhecer que é a formação e qualificação desses futuros professores o momento oportuno para problematizar a constituição das identidades transversalizadas pelos diversos marcadores: de gênero, raça/etnia, diversidade, dentre outros, preparando-os para lidar com tais questões em prol da desconstrução de preconceitos, discriminações e desigualdades com relação a gênero e diversidade com o propósito de que quando estiverem em sala de aula ou nos diversos espaços sociais possam desenvolver um olhar positivo sobre as diferenças promovendo uma educação democrática que valorize e respeite o indivíduo em suas diversidades e em relação ao gênero.

As formas de ocupação dos espaços na sociedade brasileira foram construídas a partir de processos de diferenciação e classificação entre os seres humanos, a partir do seu gênero, sendo, portanto, uma construção social atravessada pela desigualdade, hierarquização e exclusão. Essas questões, também estão refletidas nos cursos de formação de professores, em especial nos cursos aqui analisados, observamos, assim o quanto há de (in) visibilidades nos projetos políticos pedagógicos dos cursos já citados anteriormente. Assim, os dados nos revelam, uma vez que as imposições da sociedade patriarcal podem ser percebidas ao analisarmos, historicamente, como se deu o ato de ser professor – cargo ocupado e elegido para homens, quando as mulheres tinham sua conduta vigiada, controlada e normatizada (de forma mais latente) por instituições fiscalizadoras, tais como igreja, escola e o Estado e, em

hipótese alguma podiam participar dos espaços públicos. Corrobora para tal situação, a omissão dos cursos de formação de professores, por não trazer à tona temáticas que nos custa tão caro.

## CONSIDERAÇÕES

Diante do cenário social que estamos a vivenciar, torna-se imprescindível incorporar no currículo que compõe a formação inicial e continuada dos cursos de formação de professores disciplinas que abordem, tencionem e promovam reflexões e debates numa perspectiva intercultural, para o estabelecimento de novas relações de e entre os gêneros, pois é muitas vezes na e com a escola, que temos a oportunidade de vivenciarmos o debate das ideias, dos valores e das percepções de mundo que possuímos.

A tarefa de educar visa à formação integral, personalizada, harmônica, integrada e crescente da pessoa humana; e visa à formação do homem novo, inserido em uma ordem social nova e em um mundo novo. Portanto, o marco referencial da educação é a pessoa humana do aluno, e não apenas seus rendimentos intelectuais ou seus resultados quantificados em notas ou conceitos.

É necessário entender a educação não apenas como fonte do saber, do conhecimento humano, do entendimento e da compreensão; não apenas como processo necessário que encaminha a pessoa humana para uma profissão e para vencer na vida, em que há competência e concorrência, vencedores e vencidos. A educação, acima de tudo, deve ser compreendida como experiência de mudanças e como fonte de transformação das mentalidades, das relações sociais, dos regimes sociais e da superação das lutas por “interesses”, mas por causas libertadoras.

## REFERÊNCIAS

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Lisboa, Portugal; Edições 70, LDA, 2009. BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: 3º e 4º ciclos: apresentação dos temas transversais**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRASIL. Resolução nº 2, de 1º de julho de 2015. Define as Diretrizes Curriculares Nacionais para a formação inicial em nível superior (cursos de licenciatura, cursos de formação pedagógica para graduados e cursos de segunda licenciatura) e para a formação continuada. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 2 de jul de 2015. Seção 1, pp. 8-12. Disponível em: <[http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_docman&view=download&alias=70431-res-](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=70431-res-)

cne-cp-002-03072015-pdf&category\_slug=agosto-2017-pdf&Itemid=30192>. Acesso em: 15 de agos. 2018.

FOUCAULT, Michel. **Aulas sobre a vontade de saber**. São Paulo. Editora WMF Martins Fontes, 2014.

GARCIA, Regina Leite. MOREIRA. Antônio Flávio. (Orgs.) **Currículo na contemporaneidade: incertezas e desafios**. São Paulo. Editora Cortez, 2008.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: Uma perspectiva pós-estruturalista**. 16. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

SOBRAL, Marcos Paulo de Oliveira; SOUZA, Lucyana Sobral de. **GÊNERO, CULTURA E EDUCAÇÃO: questões para o currículo dos cursos de formação de professores. Anais do VI Seminário Nacional Gênero e Práticas Culturais**. João Pessoa – PB | 22 a 24 de novembro | 2017 | ISSN 2447-5416 Disponível em:  
<[https://visngpc.files.wordpress.com/2018/01/marcos-paulo-de-oliveira-sobral-lucyana-sobral-de-souza-gt6\\_.pdf](https://visngpc.files.wordpress.com/2018/01/marcos-paulo-de-oliveira-sobral-lucyana-sobral-de-souza-gt6_.pdf)>. Acesso em 12 de agos. 2018.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS CAMPUS DO SERTÃO (Brasil). **Projeto Político Pedagógico do Curso de Pedagogia**. Maceió/AL, nov. 2011, 68 p. Disponível em:< file:///D:/Downloads/PPP\_Pedagogia\_Sertao-16-11-2011%20(1).pdf> Acesso em 10 de agos. 2018.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS CAMPUS ARAPIRACA/UNIDADE EDUCACIONAL PENEDO (Brasil). **Projeto Pedagógico do Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas (noturno)**, Penedo/AL, 2017, Atualizado em 2017, 277 p. Disponível em:< file:///D:/Downloads/CB\_PPC\_Atualizado\_2017-TEXTO-NORMATIVA-RESOLUCOES.pdf>. Acesso em 10 de agos. 2018.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS CAMPUS ARAPIRACA (Brasil). **Projeto Pedagógico do Curso de Educação Física Licenciatura**, Arapiraca/AL, 2009, 166 p. Disponível em:< file:///D:/Downloads/PPC%20Educacao%20Fisica%202010.pdf> Acesso em 10 de agos. 2018.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS CAMPUS A.C. SIMÕES (Brasil). **Projeto Político-Pedagógico do curso de Pedagogia Modalidade a Distância**, Maceió/AL, 2006, 111 p. Disponível em:< <https://ufal.br/estudante/graduacao/projetos-pedagogicos/campus-maceio/pedagogia-modalidade-a-distancia>>. Acesso em 10 de agos. 2018.